

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ**  
**CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS**  
**COORDENAÇÃO DE LETRAS DO CURSO DE LETRAS PORTUGUÊS E**  
**LITERATURA DE LÍNGUA PORTUGUESA**

**JANDELY AUANE DE MOURA ALMONDES**

**PRÁTICAS LINGUÍSTICAS EM FEIRAS POPULARES EM TRÊS**  
**CIDADES PIAUIENSES**

**PICOS- PÍ**

**2025**

JANDELY AUANE DE MOURA ALMONDES

**PRÁTICAS LINGUÍSTICAS EM FEIRAS POPULARES EM TRÊS  
CIDADES PIAUIENSES**

Artigo apresentado ao curso de Licenciatura em  
LETRAS – PORTUGUÊS, da Universidade Federal  
do Piauí, como requisito para obtenção do título de  
Licenciado(a) em Letras – Português.

Orientadora: Prof. Dra. Ludmila Santos Andrade

PICOS- PÍ

2025

# PRÁTICAS LINGUÍSTICAS EM FEIRAS POPULARES EM TRÊS CIDADES PIAUIENSES

Jandely Auane de Moura Almondes<sup>1</sup>

Ludmila Santos Andrade<sup>2</sup>

## RESUMO:

Este trabalho investiga a oralidade, com foco no nível lexical, em feiras livres localizadas no sertão do Piauí, especialmente nas cidades de Jaicós e Monsenhor Hipólito, com ênfase em sua função sociocomunicativa e na diversidade linguística presente nesses espaços. A partir de uma abordagem qualitativa, fundamentada na Sociolinguística crítica, o estudo analisa como os feirantes constroem estratégias discursivas adaptativas, moldadas conforme os contextos sociais, culturais e afetivos de cada cidade. A pesquisa parte da vivência da autora em feiras da região e da observação direta das interações entre feirantes e fregueses, destacando a fluidez e a intencionalidade das práticas linguísticas. Os resultados revelam que a linguagem utilizada vai muito além da função comercial: ela incorpora elementos identitários, culturais e performáticos, demonstrando competência comunicativa complexa por parte dos sujeitos envolvidos. A análise aponta ainda para a importância da feira como espaço legítimo de produção de conhecimento, resistência cultural e valorização da oralidade popular. Ao evidenciar o repertório linguístico dinâmico dos feirantes, este estudo contribui para a valorização das vozes marginalizadas e propõe uma reflexão sobre os preconceitos linguísticos ainda presentes no ensino e na sociedade.

**PALAVRAS-CHAVE:** Oralidade. Variação linguística. Feiras livres. Sociolinguística crítica. Cultura popular.

## ABSTRACT:

This research investigates the use of oral language in street markets in the countryside of Piauí, focusing on its sociocommunicative function and the linguistic diversity expressed in these spaces. Based on a qualitative approach and grounded in critical Sociolinguistics, the study analyzes how street vendors develop adaptive discursive strategies shaped by the social, cultural, and emotional contexts of each town. The work stems from the author's long-standing experience in such markets and direct observation of interactions between vendors and customers, emphasizing the fluidity and intentionality of linguistic practices. The findings show that language in these settings goes far beyond commercial purposes: it embodies identity, cultural belonging, and performative aspects, revealing a complex communicative competence among the participants. The study also highlights the role of markets as legitimate spaces of knowledge production, cultural resistance, and affirmation of popular oral traditions. By

---

<sup>1</sup> Graduanda do curso de Letras Português na Universidade Federal do Piauí, Campus Senador Helvídio Nunes de Barros. E-mail: [auanejandely@gmail.com](mailto:auanejandely@gmail.com)

<sup>2</sup> Doutora em Letras e Linguística da Universidade Federal de Goiás. Professora Adjunta na Coordenação de Letras da Universidade Federal do Piauí no Campus Senador Helvídio Nunes de Barros em Picos, Piauí. E-mail: [ludmila.andrade@ufpi.edu.br](mailto:ludmila.andrade@ufpi.edu.br).

analyzing the dynamic linguistic repertoire of street vendors, this research contributes to the recognition of marginalized voices and calls attention to linguistic prejudice still rooted in educational and social contexts.

**KEY-WORDS:** Orality. Linguistic variation. Street markets. Critical Sociolinguistics. Popular culture.

## INTRODUÇÃO

Segundo Camacho (2001) o estudo da linguagem em contextos específicos tem se revelado uma importante ferramenta para a compreensão das dinâmicas sociais, especialmente em ambientes que demandam forte interação verbal, como as feiras livres. Nessas circunstâncias, a oralidade desempenha um papel central no estabelecimento de relações comerciais e sociais.

Para o referido autor, as variedades linguísticas refletem diferenças sociais e geográficas, sendo que toda língua comporta variações em função da identidade do emissor, do receptor e das condições sociais de produção discursiva. Desse modo, a análise dessas interações linguísticas, sob a ótica da Sociolinguística, proporciona uma visão aprofundada sobre como os feirantes utilizam a língua para negociar, estabelecer confiança e criar vínculos com seus clientes e colegas de trabalho.

Este trabalho se fundamenta nas teorias de importantes sociolinguistas, como Camacho (2001), Bagno (2007), Marcuschi (2001), Ferreira (2001), Bortoni-Ricardo (2004), Faraco (2008), Lucchesi (2009), Mattos e Silva (2004) e Luqueti (2012), todos autores que exploram a relação entre linguagem e sociedade, destacando a variação linguística em contextos informais e seu papel na construção de identidades sociais.

Camacho (2001) apresenta a língua como uma construção social e histórica, condicionada pelas práticas comunicativas dos grupos. Bagno (2007), por sua vez, chama atenção para o preconceito linguístico e a marginalização das formas populares de fala, defendendo que todas as variedades do português são legítimas. Marcuschi (2001) diferencia a fala da escrita, destacando que ambas têm estruturas e funções próprias e que a oralidade deve ser compreendida dentro de seus contextos de uso. Ferreira (2001) reforça que a competência comunicativa de um falante não se limita à um conceito amplo, mas abrange um conjunto de saberes empíricos adquiridos socialmente. Já Bortoni-Ricardo (2004) aponta que o modo de falar é determinado pelas redes sociais às quais os sujeitos pertencem, influenciado pelo espaço, pelas vivências e pela comunidade. Faraco (2008) acrescenta que a valorização da diversidade

linguística é fundamental para o exercício da cidadania. Lucchesi (2009) destaca a importância de investigar as variedades linguísticas brasileiras como patrimônio cultural. Mattos e Silva (2004) defende que a língua deve ser entendida como fenômeno histórico, heterogêneo e politicamente disputado. Por fim, Luquetti (2012) reforça que a oralidade é uma prática que fortalece as identidades locais e garante a eficácia das trocas simbólicas e sociais.

No interior do Piauí, as feiras livres não se limitam à venda de produtos agrícolas ou artesanais; elas se configuram como verdadeiros palcos de convivência social, onde a linguagem falada cumpre um papel vital. É por meio das conversas informais entre vendedores e compradores que se constroem relações de confiança, vínculos afetivos e redes de solidariedade, essenciais para a dinâmica comunitária local. Nesses espaços, a linguagem não funciona apenas como instrumento de troca comercial, mas também como meio de interação humana. A forma como os feirantes abordam os clientes, os termos utilizados para descrever os produtos, as expressões regionais e o ritmo da fala são recursos que revelam um repertório linguístico riquíssimo e estrategicamente adaptado ao cotidiano da feira.

A oralidade, nesses contextos, ganha um caráter performático. O feirante que domina bem a arte de falar tem mais facilidade para atrair clientes, manter a atenção e gerar empatia. Trata-se de uma comunicação persuasiva, que se ajusta ao perfil do freguês. Em cidades como Jaicós e Monsenhor Hipólito, por exemplo, é comum observar o uso de trocadilhos, rimas, entonações marcadas e até brincadeiras como forma de chamar a atenção. Frases como “Leve duas por cinco, que é pra adoçar sua semana!” ou “Fruta boa é aqui, só não compra quem já morreu!” fazem parte de um discurso marcado pela criatividade e pela espontaneidade, elementos essenciais para o sucesso da venda.

Além disso, a linguagem das feiras carrega traços da identidade cultural da região. As expressões utilizadas, os modos de tratamento, os gestos e a entonação revelam uma conexão profunda com o modo de vida local. São elementos que vão além da simples comunicação verbal de repasse de informações e se inserem em uma lógica sociocultural onde a fala é também expressão de pertencimento. Segundo Luquetti (2012), práticas de oralidade como essas não apenas fortalecem as identidades locais, mas também funcionam como mecanismos de preservação da memória coletiva e da tradição oral.

Ao investigar a oralidade nas feiras livres do interior do Piauí, este trabalho pretende contribuir com o campo da Sociolinguística ao evidenciar que a fala cotidiana, muitas vezes subestimada, é uma ferramenta poderosa de negociação e de construção de laços sociais. A pesquisa busca compreender, à luz dos autores mencionados, como os sujeitos que atuam nesses espaços adaptam sua linguagem conforme os contextos, interlocutores e objetivos

comunicativos. A partir dessa análise, será possível observar não apenas os padrões de variação linguística, mas também os efeitos sociais e simbólicos que essas práticas linguísticas produzem na vida das comunidades envolvidas.

Com isso, este estudo se propõe não apenas a descrever a forma como os feirantes falam, mas também a valorizar essas práticas de fala como manifestações legítimas da língua portuguesa, dignas de estudo e respeito. Afinal, como afirma Bagno (2007), não existe uma única forma “certa” de falar português, mas sim múltiplas formas de se expressar, todas elas socialmente motivadas e linguisticamente válidas. Ao voltar nosso olhar sobre a oralidade nas feiras, pretendemos reafirmar a importância de se reconhecer e valorizar as vozes populares que compõem a diversidade linguística brasileira.

O presente trabalho trata-se de um estudo de natureza essencialmente bibliográfica, fundamentado nos pressupostos da Sociolinguística crítica. As reflexões desenvolvidas são acompanhadas de exemplos ilustrativos coletados de modo empírico, por meio de observações em feiras livres no interior do estado do Piauí, com ênfase em práticas linguísticas recorrentes no discurso oral de feirantes e clientes.

## **1. FUNDAMENTOS DA SOCIOLINGUÍSTICA E SUA APLICAÇÃO AO CONTEXTO BRASILEIRO**

A Sociolinguística é um campo de estudos que passou a ganhar notoriedade a partir da segunda metade do século XX, especialmente com os trabalhos desenvolvidos pelo linguista norte-americano William Labov. Em sua obra *Sociolinguistic Patterns*, Labov (1972) demonstrou que a variação linguística não pode ser tratada como erro, desvio ou corrupção da norma padrão, mas sim como um fenômeno legítimo da língua em uso. Suas pesquisas nas comunidades de Nova York revelaram que as formas de falar se organizam segundo fatores sociais, como classe, idade, gênero e escolaridade. A partir dessas constatações, a linguística passa a incorporar a noção de heterogeneidade, ou seja, a ideia de que toda língua é, por natureza, variável e sujeita às condições do meio onde circula.

No Brasil, a Sociolinguística foi se consolidando de forma gradual, sobretudo a partir da década de 1980, quando o campo da Linguística passou a se aproximar mais das questões sociais e educacionais do país. Segundo Bortoni-Ricardo (2004), esse processo de consolidação refletiu uma demanda crescente por práticas pedagógicas mais inclusivas e pela valorização das

variedades linguísticas não normativas, especialmente diante da exclusão histórica de vozes populares do espaço escolar. Para a autora, a Sociolinguística crítica surge justamente da necessidade de compreender a linguagem como prática social situada, capaz de refletir a diversidade das realidades linguísticas brasileiras. Nesse cenário, Luiz Antônio Marcuschi (2001) desempenhou papel fundamental ao defender a valorização da linguagem em uso e da oralidade como componentes legítimos da comunicação. Para ele, “a linguagem não é apenas um meio de expressão, mas um fenômeno social que se constrói na interação” (Marcuschi, 2001, p. 39). A fala, portanto, não deve ser compreendida como um estágio primitivo da escrita, mas como uma forma de manifestação linguística com estrutura, intencionalidade e complexidade próprias.

Ao lado de Marcuschi (2001), autores como Bagno (2007), Bortoni-Ricardo (2004), Lucchesi (2009) e Yonne Leite (2004) também foram fundamentais para a consolidação da Sociolinguística no Brasil, cada um contribuindo com perspectivas que valorizam a diversidade linguística e a legitimidade das práticas orais nas diferentes regiões do país.

Bagno (2007), por exemplo, vem se destacando ao denunciar o preconceito linguístico praticado contra as formas populares de falar. Em sua obra *Preconceito linguístico: o que é, como se faz*, ele argumenta que o ensino tradicional da língua portuguesa perpetua uma visão elitista e excludente da norma culta, desconsiderando as variedades legítimas usadas por milhões de brasileiros. Para o autor, “o preconceito contra a fala popular é uma forma de violência simbólica que legitima desigualdades sociais históricas” (Bagno, 2007, p. 54).

Já Bortoni-Ricardo (2004) contribuiu com a concepção de “redes sociais” como elemento fundamental para compreender os modos de falar. Segundo a autora, os vínculos sociais de cada falante influenciam diretamente suas escolhas linguísticas, moldando as formas de se comunicar no cotidiano. Em sua obra *O português do Brasil urbano: uma introdução à sociolinguística*, a autora afirma que “a linguagem é moldada pelas experiências de vida e pelas interações sociais que cada indivíduo estabelece” (Bortoni-Ricardo, 2004, p. 28), valorizando, assim, as práticas de fala de comunidades periféricas, rurais e tradicionais.

Outro ponto importante no percurso da Sociolinguística brasileira é a valorização da diversidade regional. O Brasil, por sua extensão territorial e variedade cultural, apresenta uma enorme gama de variedades linguísticas. Os projetos desenvolvidos ao longo das últimas décadas, como o Projeto NURC (Norma Urbana Culta) e o Projeto ALiB (Atlas Linguístico do Brasil), trouxeram contribuições fundamentais para o mapeamento dessas variações e para a compreensão de que não há uma única forma correta de falar o português brasileiro. O NURC, iniciado ainda na década de 1970, procurou estudar e registrar a fala de pessoas com alto grau

de escolaridade nas grandes capitais, mas ao longo do tempo abriu espaço para o reconhecimento de outras realidades linguísticas, inclusive em áreas rurais.

Nesse sentido, a Sociolinguística brasileira se diferencia da matriz norte-americana ao incorporar elementos da história social do país, como a colonização, a escravidão, o contato entre línguas indígenas, africanas e europeias, e as desigualdades socioeconômicas. Os estudos ganham contornos próprios, atentos às questões de identidade, exclusão e resistência. Segundo Mattos e Silva (2004), a língua portuguesa falada no Brasil é o resultado de um processo de mestiçagem linguística que não pode ser compreendido sem considerar os múltiplos contextos sociais em que se desenvolveu.

Ainda, Faraco (2008) reforça que a ideia de língua homogênea é um mito construído historicamente pelas elites letradas. Em *Norma culta brasileira: desatando alguns nós*, ele destaca que “a língua que se ensina na escola está distante da língua que o povo fala” (Faraco, 2008, p. 17), e que reconhecer a legitimidade das variações linguísticas é uma forma de combater a desigualdade educacional.

Portanto, o panorama da Sociolinguística no Brasil é marcado por uma constante tensão entre norma e uso, entre centro e periferia, entre discurso oficial e fala cotidiana. Trata-se de uma área que não apenas descreve a língua em uso, mas também atua como instrumento de transformação social, ao propor uma nova forma de olhar para a linguagem e para os sujeitos que a utilizam. A partir da valorização das variedades linguísticas, a Sociolinguística contribui para o fortalecimento da cidadania, para a inclusão no espaço educacional e para a superação de estigmas historicamente associados à fala popular.

## **1.1 CONTRIBUIÇÕES TEÓRICAS PARA O RECONHECIMENTO DA FALA POPULAR**

A consolidação dos estudos sociolinguísticos no Brasil se deu a partir da década de 1980, ainda que as primeiras influências tenham chegado ao país anteriormente, com as contribuições de William Labov (1972), Basil Bernstein (1971) e outros teóricos que propuseram uma nova maneira de compreender o fenômeno linguístico a partir de sua relação com o contexto social. O impacto dessas ideias foi significativo para a linguística brasileira, principalmente porque ofereciam uma alternativa à abordagem tradicional normativa, que via a língua como um sistema homogêneo a ser seguido rigidamente. No contexto brasileiro, marcado por uma enorme diversidade sociocultural, econômica e regional, tornou-se imprescindível uma



abordagem que reconhecesse a heterogeneidade linguística como um traço constitutivo da identidade nacional.

A influência de Labov (1972), como já mencionado anteriormente, foi determinante para a consolidação de uma Sociolinguística empírica e voltada para a realidade concreta do uso linguístico. Suas pesquisas nas comunidades urbanas dos Estados Unidos mostraram como a variação linguística está associada a fatores extralinguísticos, como classe social, idade, gênero e grau de escolaridade. No Brasil, essas ideias encontraram um terreno fértil para se desenvolverem, dada a evidente disparidade entre a língua ensinada nas escolas e aquela efetivamente falada pelas diferentes camadas da população. A aplicação dessa abordagem levou ao surgimento de projetos de grande importância, como o citado anteriormente, Projeto NURC (Norma Urbana Culta), que se propôs a descrever a norma culta urbana falada em cinco capitais brasileiras, e o Projeto VARSUL (Variação Linguística Urbana na Região Sul), voltado para a observação da fala cotidiana nas regiões sulinas do país.

A pesquisadora Bortoni-Ricardo (2004) destaca que os estudos sociolinguísticos brasileiros ganharam especificidades próprias devido às particularidades de nossa realidade sociocultural. Diferentemente dos países centrais, o Brasil enfrenta problemas históricos de exclusão social, desigualdade no acesso à educação e invisibilidade das culturas periféricas. Isso torna a abordagem sociolinguística ainda mais necessária, pois permite compreender como as práticas de fala são determinadas pelo contexto social e histórico dos falantes. Para a autora, "a fala é socialmente determinada, e as variações linguísticas refletem as trajetórias sociais dos indivíduos" (Bortoni-Ricardo, 2004, p. 22).

Nesse percurso, autores como Dante Lucchesi (2009), Marcos Bagno (2007) e Luiz Antônio Marcuschi (2001) assumem um papel de protagonismo ao defenderem uma linguística engajada, comprometida com a valorização das variedades linguísticas e com a superação do preconceito linguístico. Bagno (2007, p. 58), por exemplo, afirma que "a norma padrão é uma construção social e política que favorece uma elite letrada, enquanto desqualifica a fala da maioria da população". Essa denúncia é central para a compreensão de que o ensino da língua portuguesa, tal como vem sendo tradicionalmente praticado, precisa ser revisto à luz de uma concepção mais democrática e inclusiva de linguagem.

Com base nessas ideias, surgiram importantes iniciativas acadêmicas voltadas para a descrição e valorização da diversidade linguística brasileira, como é o caso do Atlas Linguístico do Brasil (ALiB), também já citado anteriormente, que visa mapear as diferentes formas de falar em todo o território nacional, fornecendo dados fundamentais para a formulação de políticas públicas de educação linguística. Esses estudos demonstram que a língua falada no

interior do Brasil — inclusive em regiões como o sertão do Piauí — é marcada por traços linguísticos próprios, moldados por influências históricas, econômicas e culturais específicas.

A compreensão da língua como prática social também ganha destaque nas contribuições de Mattos e Silva (2004), para quem a língua não é um sistema abstrato e imutável, mas um fenômeno histórico e ideológico, constantemente moldado pelas condições de produção. As referidas autoras defendem uma abordagem que compreenda a língua como espaço de disputa simbólica, onde há um jogo nas relações de poder, identidade e pertencimento. Essa perspectiva contribui diretamente para o reconhecimento das práticas linguísticas populares como legítimas e significativas, e não como meras corrupções da norma.

É importante destacar que os estudos sociolinguísticos se consolidaram principalmente no âmbito universitário, portanto seus desdobramentos ainda não são plenamente incorporados às políticas educacionais e currículos escolares. A escola continua, em muitos casos, a adotar uma postura normativista, que desvaloriza a diversidade linguística dos alunos e reforça estigmas sociais. Por isso, autores como Bagno (2007) e Faraco (2008) insistem na necessidade de se formar professores críticos, capazes de reconhecer a complexidade da língua falada no Brasil e de promover uma pedagogia linguística inclusiva.

Portanto, o percurso dos estudos sociolinguísticos no Brasil evidencia um esforço contínuo de compreensão da língua como um fenômeno vivo, dinâmico e socialmente situado. Ao valorizar a pluralidade das formas de falar como aquelas presentes em feiras livres, mercados populares, comunidades rurais e periferias urbanas a Sociolinguística cumpre não apenas um papel descritivo, mas também ético e político, contribuindo para o reconhecimento da dignidade linguística de todos os cidadãos brasileiros.

## **1.2 LÉXICO E IDENTIDADE: A LÍNGUA FALADA NAS FEIRAS DO SERTÃO PIAUIENSE**

O uso da linguagem no interior do Piauí manifesta-se como uma expressão cultural viva, moldada pelas práticas sociais, pelas experiências comunitárias e pela memória coletiva que atravessa gerações. A oralidade presente em espaços cotidianos, como as feiras livres, assume um papel central não apenas como meio de comunicação funcional, mas como elemento constituinte da identidade local e marcador simbólico de pertencimento. Nesse contexto, a língua deixa de ser vista como um código uniforme e abstrato para se afirmar como prática social enraizada, situada e performativa.

Ao refletir sobre o “lugar de onde se fala”, nos deparamos com uma perspectiva crítica e humanizadora da linguagem, que parte do reconhecimento de que todo discurso está condicionado por fatores históricos, sociais, geográficos e afetivos. O território do sertão piauiense, com suas peculiaridades climáticas, culturais e econômicas, imprime marcas concretas na maneira de falar dos sujeitos que o habitam. A fala interiorana não pode, portanto, ser avaliada a partir de uma lógica normativa que exclui a diversidade, mas sim como um modo legítimo de construção de sentido no mundo.

A esse respeito, Bortoni-Ricardo (2004, p.29) aponta que “a linguagem não é apenas um sistema de regras abstratas, mas um fenômeno social que reflete os vínculos entre os falantes e suas comunidades”. Essa compreensão nos leva a considerar que as práticas linguísticas observadas no interior do Piauí com sua riqueza fonética, lexical e sintática não constituem desvios da norma padrão, mas manifestações legítimas de um sistema linguístico que opera de acordo com lógicas locais, moldado pelas necessidades comunicativas do cotidiano. O uso de expressões como “muié”, “visse?”, “arrudiar” ou “pé de moleque” são exemplos de como o vocabulário regional carrega em si valores afetivos e referenciais culturais compartilhados. A esse respeito. Optou-se por dar maior **visibilidade ao nível lexical**, por entendermos que ele oferece elementos concretos, significativos e material suficiente para evidenciar a riqueza e a intencionalidade comunicativa presentes nas feiras. A escolha de palavras como “muié” em vez de “mulher” ou “senhora” carrega não apenas uma dimensão afetiva, mas também aponta para uma construção discursiva marcada pela informalidade e pela proximidade relacional. Trata-se de uma estratégia de aproximação e acolhimento que visa fortalecer os laços comunitários e facilitar o diálogo direto entre feirante e freguês.

Ao destacar esse nível, entendemos que há, inclusive, limitações quanto ao espaço e ao foco da presente pesquisa, o que inviabiliza uma análise mais detalhada dos níveis fonológico e sintático. No entanto, cabe observar que expressões como “é pra levar ou pra namorar?” ou “chegue mais, compadre!” revelam também estruturas frasais recorrentes no discurso oral popular, construídas com base em repetições, inversões e fórmulas prontas que funcionam como verdadeiros marcadores culturais e sociais. Esse tipo de enunciado evidencia o domínio dos feirantes sobre os códigos de sua comunidade linguística, com uso de expressões fixas, bordões regionais e metáforas culturalmente compartilhadas. A repetição de frases feitas como “leve dois, que sai de graça o sorriso” ou “fruta boa é só aqui, minha santa!” comprova que a linguagem das feiras não apenas comunica, mas também performa, entretém, emociona e persuade. Assim, reconhecer essas escolhas lexicais e discursivas como estratégias comunicativas é essencial para compreender a complexidade da oralidade nesses contextos.

Essa apropriação lexical e discursiva demonstra que os feirantes não apenas dominam a língua em uso, mas a moldam conforme os propósitos da interação, utilizando o repertório regional como ferramenta de convencimento, acolhimento e humor. Segundo Marcuschi (2001, p. 57), “a oralidade cotidiana é altamente estratégica, baseada em fórmulas prontas, expressões consagradas e estruturas flexíveis, que garantem eficácia comunicativa mesmo fora das normas gramaticais formais”. Nesse sentido, o uso de palavras como “muié”, “caboco” ou “arrudiar” não revela apenas uma identidade linguística, mas também uma identidade social profundamente enraizada no território, na afetividade e na experiência partilhada.

Além disso, conforme argumenta Bortoni-Ricardo (2004), a linguagem utilizada em redes sociais densas e localizadas, como as das feiras do interior, tende a preservar traços linguísticos típicos e a reforçar práticas linguísticas comunitárias. A autora defende que essas escolhas lexicais são orientadas não por regras gramaticais abstratas, mas pelas necessidades comunicativas reais do grupo social a que pertencem. Assim, a preferência por determinadas palavras ou expressões não se dá de forma aleatória, mas reflete valores culturais, papéis sociais e expectativas compartilhadas, funcionando como mecanismos de identificação e pertencimento.

Portanto, ao analisarmos essas escolhas linguísticas sob a ótica da Sociolinguística crítica, compreendemos que o vocabulário empregado pelos feirantes não apenas comunica um conteúdo, mas carrega intencionalidade, criatividade e adequação situacional. Essas expressões, por mais simples que pareçam, revelam uma arquitetura discursiva complexa e estrategicamente planejada no instante da fala, com o objetivo de capturar a atenção do freguês, criar laços afetivos e estabelecer confiança. Reconhecer essas escolhas como práticas legítimas de comunicação é essencial para romper com o preconceito linguístico que ainda marginaliza as variedades populares e para valorizar o saber linguístico produzido fora dos espaços institucionalizados.

Ao longo das observações realizadas para esta pesquisa, foi possível perceber que os feirantes, em especial, desempenham um papel de destaque na manutenção e renovação da oralidade regional. Esses sujeitos demonstram uma competência discursiva aguçada, com domínio de estratégias persuasivas e afetivas, ajustando a linguagem conforme o perfil do freguês, o ambiente da feira, o tipo de mercadoria e o contexto social imediato. Trata-se de um saber linguístico empírico, adquirido no convívio, na escuta, na observação, e que expressa uma inteligência comunicativa construída fora dos moldes escolares, mas não menos complexa.

Marcuschi (2001) contribui decisivamente para essa visão ao afirmar que “a fala não é uma versão imperfeita da escrita, mas uma modalidade com funções comunicativas específicas

e estratégias próprias de construção textual” Marcuschi (2001, p.44). Sua perspectiva reforça o entendimento de que a oralidade popular precisa ser tratada com o mesmo rigor e respeito que se dedica à norma culta. O desprezo institucional pelas formas de falar do interior representa não apenas uma perda para a diversidade linguística, mas uma forma de violência simbólica que deslegitima modos de vida e saberes profundamente enraizados na história brasileira.

O preconceito linguístico, como alerta Bagno (2007), é uma das formas mais perversas de exclusão social, pois disfarça-se de correção gramatical para mascarar julgamentos morais e hierarquizações sociais. Para o autor, “as variedades populares da língua são sistematicamente desqualificadas como ‘erradas’, quando, na verdade, refletem outras normas, legitimadas pelo uso e pela comunidade” Bagno (2007, p. 63). Essa crítica é essencial para compreendermos por que as falas interioranas como as registradas nas feiras do Piauí são tão frequentemente marginalizadas em ambientes educacionais, midiáticos e institucionais.

No entanto, essas falas não apenas resistem como também são reinventadas. A linguagem nas feiras é inventiva, performática e situada. Como observa Luquetti (2012, p.47), “a fala do feirante é performática e contextualizada, orientada para a ação e para a relação com o outro”. Essa fala não se limita a vender produtos: ela convence, acolhe, brinca, ensina e, sobretudo, constrói comunidade. O feirante conhece o cliente pelo nome, sabe sua história, ajusta a entonação para criar empatia e utiliza expressões afetuosas para estabelecer laços. Sua linguagem é ao mesmo tempo comercial, afetiva e simbólica, revelando a multiplicidade de funções que a fala pode assumir em contextos populares.

Além disso, o uso da linguagem nas feiras evidencia um senso de temporalidade próprio, diferente da lógica acelerada dos grandes centros urbanos. A comunicação ocorre em ritmos mais orgânicos, acompanhando o fluxo das pessoas, das mercadorias e das relações. O tempo da fala está em sintonia com o tempo da vida. Como argumenta Faraco (2008), compreender a língua é também compreender os modos de ser e de estar no mundo das comunidades. Ensinar língua portuguesa na escola, portanto, deve envolver o reconhecimento e a valorização dessas formas diversas de falar, para que todos os sujeitos se vejam representados nos espaços de aprendizagem.

A escuta atenta das práticas linguísticas interioranas permite, ainda, perceber como a linguagem está profundamente ligada à memória coletiva. Histórias, conselhos, saberes agrícolas, orientações morais e relatos de resistência são transmitidos oralmente, formando um acervo cultural que não se encontra nos livros, mas que compõe a identidade de grupos inteiros. Esse acervo é preservado, atualizado e expandido no uso cotidiano da língua. Por isso, estudar

o que se fala no interior do Piauí é também uma forma de preservar um patrimônio imaterial de valor inestimável.

Ao reconhecer o lugar de onde se fala, o sertão piauiense, como espaço legítimo de produção linguística, esta pesquisa se alinha à perspectiva crítica da Sociolinguística, que visa não apenas descrever a língua em uso, mas transformá-la em objeto de valorização social. A fala do interior carrega, em suas construções, as marcas de um povo que aprendeu a dizer o mundo com suas próprias palavras. Palavras que curam, negociam, emocionam, denunciam, ensinam. Palavras que resistem à padronização e que reafirmam a potência das vozes populares no tecido linguístico e cultural do Brasil.

## **2. ESTRATÉGIAS DISCURSIVAS NA FALA POPULAR DAS FEIRAS DO PIAUÍ**

### **2.1 As feiras e sua importância no contexto sociocultural do Piauí**

As feiras livres do interior do Piauí se configuram como espaços multifuncionais onde a vida social se realiza em sua plenitude. Esses espaços extrapolam a função de mercados públicos para se constituírem em centros de interação social, de construção simbólica da identidade local e de conservação de tradições culturais. Nelas, a linguagem é veículo de trocas não apenas comerciais, mas também afetivas, culturais e históricas. A fala, portanto, adquire um valor social que ultrapassa a simples transmissão de informação: ela é instrumento de construção de comunidade, de partilha de saberes e de celebração da cultura popular.

A sociolinguística crítica entende que o espaço em que a língua é praticada influencia diretamente sua forma e função. A feira, como um ambiente de intensa oralidade, representa um campo propício à observação dessas práticas linguísticas em sua forma mais viva. As interações que ali ocorrem não seguem necessariamente as normas gramaticais da língua padrão, mas obedecem a convenções pragmáticas e socioculturais consolidadas. Como afirma Bortoni-Ricardo (2004, p. 34), "a linguagem se organiza a partir das condições concretas de vida dos falantes, refletindo suas experiências, seus saberes e suas redes de sociabilidade".

Essas redes de sociabilidade são claramente perceptíveis nas feiras. Vendedores e clientes, na maioria das vezes, já se conhecem de outros encontros, o que estabelece uma relação de confiança que se expressa na linguagem. Frases como “pegue sem medo, compadre” ou “essa é da boa, minha amiga” revelam uma familiaridade que só é possível em contextos de convivência continuada. A linguagem é carregada de marcas de pertencimento, e é através dela que se reafirma a identidade coletiva de um povo. Segundo Gumperz (1982, p. 142), "a linguagem, quando situada num contexto cultural, torna-se um sistema de sinais sociais que reforça normas, valores e hierarquias".

O próprio ambiente da feira favorece esse tipo de comunicação. A disposição dos produtos, o caminhar entre as barracas, os cheiros, sons e cores compõem um cenário de estímulos sensoriais que influenciam a forma de falar. O feirante não está apenas vendendo; ele está atuando, encenando sua fala como parte de uma performance que precisa convencer, acolher e fidelizar. Essa performance é marcada por gestos, expressões faciais, pausas estratégicas e entonações que reforçam o discurso. Como lembra Luquetti (2012, p. 51), "a oralidade na feira é inseparável do corpo: o gesto complementa a palavra, e o olhar confirma o dito".

Outro aspecto relevante é o papel das feiras na preservação da memória cultural local. Através da linguagem, histórias são contadas, causos são compartilhados e experiências são narradas com riqueza de detalhes. Essa tradição oral permite que saberes ancestrais sejam transmitidos informalmente. Muitos feirantes aprenderam a vender com seus pais e avós, herdando não apenas as técnicas comerciais, mas também os modos de falar, as expressões típicas, os ditados e as estratégias discursivas. Marcuschi (2001, p. 48) observa que "a oralidade é um processo comunicativo de grande complexidade, que carrega valores históricos, afetivos e sociais".

Além de preservar o passado, a feira também dialoga com o presente. Em cidades que recebem migrantes, visitantes ou turistas, observa-se uma reconfiguração do discurso dos feirantes, que ajustam sua linguagem para serem compreendidos ou para agradar aos novos públicos. Essa flexibilidade demonstra que a feira é também um espaço de negociação cultural, onde diferentes formas de falar convivem e influenciam umas às outras. Essa convivência de variedades linguísticas é o que Lucchesi (2009, p. 84) identifica como um "espaço privilegiado de variação e mudança linguística, onde o contato entre diferentes registros gera novas formas de expressão".

A feira é, portanto, um lugar de aprendizagem permanente. Crianças e jovens que acompanham suas famílias observam, escutam e, aos poucos, imitam as formas de falar, aprender a negociar, a cumprimentar e a se posicionar discursivamente. Esse aprendizado informal é crucial para a manutenção das práticas culturais e linguísticas locais. Faraco (2008, p. 101) afirma que "a escola precisa reconhecer o valor formativo desses espaços de oralidade popular, onde a língua é praticada em sua plenitude, com criatividade, função e sentido social".

Por todos esses aspectos, a feira representa um espaço de resistência às homogeneizações impostas pela globalização e pela padronização da linguagem. A oralidade praticada nesses espaços é expressão de uma identidade coletiva que se renova a cada feira, a cada troca, a cada palavra dita e ouvida. Reconhecê-la como objeto legítimo de estudo é um ato

de justiça linguística, que valoriza o saber popular e amplia a compreensão sobre a diversidade da língua portuguesa no Brasil.

Além de seu papel cultural, a feira também se estabelece como espaço de articulação política e econômica entre os membros da comunidade. As decisões coletivas, as negociações sobre preços e as trocas de informações úteis sobre o cotidiano como mudanças no clima, em políticas públicas ou mesmo em relações interpessoais ocorrem nesse ambiente de diálogo aberto e fluido. A linguagem usada nesse contexto vai além da persuasão comercial: ela funciona como ferramenta de coesão comunitária, aproximando os indivíduos e consolidando práticas de solidariedade e ajuda mútua. Assim, a feira funciona como uma rede informal de comunicação que garante a circulação de saberes e reforça os vínculos sociais.

Não se pode ignorar também o potencial pedagógico da feira como um ambiente natural de letramento social. Ao participar das trocas verbais e observar os modos de expressão ali presentes, os indivíduos especialmente os mais jovens desenvolvem competências linguísticas essenciais para sua atuação na sociedade. A linguagem utilizada na feira, embora muitas vezes distante da norma padrão, é dotada de complexidade, intencionalidade e eficácia comunicativa. Estudar esse espaço sob o olhar da Sociolinguística é valorizar a diversidade linguística e reconhecer que há múltiplas formas de dizer o mundo, todas legítimas, ricas e merecedoras de reconhecimento.

## **2.2 Estratégias de oralidade utilizadas pelos feirantes e pelos consumidores nas feiras**

A construção de sentido no discurso oral depende diretamente da experiência dos falantes, da natureza da interação e da sensibilidade contextual que guia os usos da linguagem em ambientes sociais dinâmicos. Os sujeitos que participam dessas práticas desenvolvem, ao longo do tempo, uma capacidade de leitura do outro e de adaptação discursiva, o que revela um grau elevado de competência comunicativa. Essa habilidade não é resultado de formalização gramatical ensinada nos moldes escolares, mas emerge da vivência cotidiana e da necessidade concreta de interagir com diferentes perfis de interlocutores em contextos diversos.

Essa competência pode ser observada com nitidez nos contextos em que a fala não apenas informa, mas age, convence, acolhe e persuade. Em espaços marcados pela oralidade, como o ambiente comercial tradicional, os interlocutores constroem vínculos que vão além da transação. A palavra dita ganha força de ação, e seu uso eficaz é mediado por elementos culturais, afetivos e sociais. A comunicação oral torna-se, assim, um instrumento fundamental para o estabelecimento de relações, para a manutenção das tradições linguísticas e para a valorização de saberes locais.



A comunicação oral nas feiras livres do Piauí é resultado de um processo interacional complexo, onde os sujeitos desenvolvem competências comunicativas específicas que refletem suas vivências, saberes e vínculos sociais. O cenário da feira exige do feirante uma linguagem ágil, expressiva e emocionalmente envolvente, capaz de responder de forma imediata às demandas e comportamentos de uma clientela diversa. É nesse contexto que a oralidade se afirma como ferramenta de articulação social e de mediação entre o universo econômico e o cultural. Mais do que vender produtos, o feirante constrói laços simbólicos com seus interlocutores, utilizando a linguagem como instrumento de aproximação e reconhecimento mútuo.

A oralidade nas feiras livres do Piauí é uma prática profundamente estratégica, marcada por habilidades discursivas refinadas e adaptativas. O feirante domina uma retórica própria que mescla humor, improvisação, persuasão e afetividade, desenvolvida no cotidiano das interações sociais. Não se trata apenas de falar bem, mas de falar de forma eficaz, condizente com o público e com o contexto. O domínio dessas estratégias se manifesta, por exemplo, na forma como os vendedores modulam a entonação da voz para destacar ofertas, utilizam expressões afetivas para criar proximidade ou recorrem a ditados populares para atribuir autoridade ao que dizem. Como afirma Marcuschi (2001, p. 52), a oralidade cotidiana envolve estruturas textuais próprias, muitas vezes não reconhecidas pela norma culta, mas igualmente complexas e coerentes.

É comum observar que esses discursos são permeados por construções discursivas marcadas por hipérboles, analogias, rimas e trocadilhos, o que imprime à fala do feirante um tom lúdico e envolvente. Frases como “olha o melão, docinho como beijo de mãe” ou “leve hoje que amanhã é outro preço!” não apenas atraem atenção, mas inserem a linguagem no contexto afetivo e emocional da relação entre vendedor e freguês. Essas práticas não são fortuitas: elas respondem a uma lógica pragmática na qual o sucesso da comunicação está atrelado à capacidade de engajamento e sedução discursiva. Bortoni-Ricardo (2004, p. 38) salienta que a competência comunicativa dos falantes populares deve ser compreendida como produto da experiência vivida, do contato direto com a diversidade de interlocutores e da necessidade de adaptação permanente.

Além disso, a linguagem da feira é fortemente marcada por recursos não verbais: o olhar direto, o sorriso receptivo, o gesto que aponta o produto, o toque no braço do freguês conhecido. Esses elementos complementam o discurso verbal e reforçam a construção de um elo de confiabilidade e acolhimento. Como observa Luquetti (2012, p. 50), a comunicação na feira é essencialmente multimodal, e sua eficácia depende tanto das palavras quanto da performance

corporal. Essa sinergia entre fala e corpo permite que o feirante se destaque em meio à multidão e estabeleça vínculos duradouros com sua clientela.

Do ponto de vista do consumidor, também há participação ativa na construção da oralidade da feira. O freguês responde ao feirante com perguntas, piadas, elogios e, muitas vezes, com narrativas sobre sua vida cotidiana. O momento da compra torna-se, assim, uma troca discursiva horizontal, marcada por reciprocidade e coautoria. Essa relação discursiva não é impessoal: ela se baseia na escuta, na memória e na confiança. Segundo Bakhtin (1997, p. 113), o sentido do discurso nasce na interação com o outro, sendo cada enunciado uma resposta a enunciados anteriores e, simultaneamente, uma provocação para enunciados futuros.

A habilidade dos feirantes em ajustar seu repertório de fala ao tipo de cliente, ao dia da feira ou ao tipo de produto vendido evidencia um domínio linguístico sutil e dinâmico. Em contextos de maior movimento, o discurso tende a ser mais direto e econômico, privilegiando palavras de ordem e fórmulas prontas. Em momentos de menor fluxo, os diálogos se estendem, permitindo que a conversa se desenvolva com mais riqueza de detalhes, inclusive com inclusão de elementos narrativos e afetivos. Essa alternância estilística é reflexo de uma escuta apurada e de um saber acumulado sobre o comportamento do freguês. Labov (1972, p. 208) afirma que a variação linguística está intrinsecamente ligada às escolhas sociais dos falantes, que buscam adequar-se à situação comunicativa por meio de seleções linguísticas apropriadas.

Outro ponto importante é a apropriação de códigos linguísticos comuns à cultura local. As expressões utilizadas na feira muitas vezes têm raízes em provérbios regionais, gírias do sertão ou palavras herdadas da tradição oral. Essa vinculação entre fala e cultura local fortalece os laços identitários e garante que a linguagem seja não apenas meio de comunicação, mas também de preservação cultural. Faraco (2008, p. 97) destaca que o português falado no Brasil é atravessado por múltiplas vozes regionais e sociais, e que reconhecer essas vozes é essencial para uma prática linguística democrática e inclusiva.

Com isso, entende-se que a oralidade nas feiras livres do Piauí não se restringe ao ato de vender, mas compreende uma rica e complexa rede de estratégias discursivas que garantem a circulação de bens, de afetos e de valores. A linguagem é usada com astúcia, criatividade e sensibilidade, e cumpre papel central na constituição dos sujeitos e das comunidades. Reconhecer essas práticas como objeto de estudo e valorização é fundamental para romper com visões normativas da língua e ampliar o entendimento sobre os usos reais e significativos da linguagem no Brasil.

### PERCURSO METODOLÓGICO<sup>3</sup>

Este trabalho configura-se como uma pesquisa qualitativa, de natureza bibliográfica, com apoio em observações empíricas realizadas em feiras livres do interior do Piauí, notadamente nas cidades de Jaicós e Monsenhor Hipólito. A escolha dessas localidades deve-se à familiaridade da pesquisadora com o contexto regional e ao acesso facilitado aos eventos semanais dessas feiras, nos quais a oralidade popular manifesta-se com vigor e riqueza.

A coleta das expressões populares ocorreu entre os meses de março e abril de 2025, durante quatro visitas presenciais, nas manhãs de sábado. As observações foram registradas em diário de campo, sem uso de gravação audiovisual, por se tratar de uma abordagem não invasiva, voltada para o levantamento de usos recorrentes no nível lexical.

O componente da língua analisado é o léxico popular regional, considerando expressões recorrentes, termos afetivos e marcas de informalidade que revelam estratégias discursivas específicas do contexto feirante. Os sujeitos observados são, em sua maioria, adultos com idade estimada entre 30 e 65 anos, predominantemente homens, com escolaridade variando entre ensino fundamental incompleto e médio completo. Todos residentes na zona rural ou urbana de municípios próximos.

A escolha desse tema não acontece ao acaso. Minha família e eu trabalhamos em feiras livres no interior do Piauí há mais de quinze anos, e esse ambiente de intensa comunicação sempre me chamou atenção não apenas pela comercialização dos produtos, mas principalmente pela forma como as pessoas se relacionam e interagem. A feira não é só um lugar de compra e venda, mas também é um espaço de convivência, onde as pessoas trocam não apenas mercadorias, mas suas histórias, fazem amizades e criam laços. Nesse contexto, portanto que a oralidade se destaca e se adapta conforme a necessidade de cada interação.

Ao longo dos anos, percebi que a forma como falamos na feira muda de acordo com o freguês, também muda de acordo com a cidade e o público a ser atendido, dessa forma ajustamos nossa fala para atrair a atenção e criar uma conexão com o cliente. Em Jaicós-Pí, por exemplo, é comum usarmos expressões regionais e até mesmo brincadeiras para convencer alguém a comprar. Frases como "Leva essa laranja, moço, tá tão doce que parece até mel!" ou "Aproveita, dona Maria, que esse tomate tá bonito e o preço tá uma pechincha!" fazem parte do nosso dia a dia. A linguagem na feira não é fixa, ela se molda conforme a situação, e essas adaptações e mudanças no uso da língua despertou o interesse em estudar mais sobre esse fenômeno.

---

<sup>3</sup> Nesta seção a primeira pessoa do singular será utilizada para descrever o percurso metodológico, já que as escolhas de pesquisa perpassam questões pessoais.

Para entender melhor essas variações, passei a observar com mais atenção como os feirantes se comunicam e como os fregueses reagem a diferentes formas de abordagem. Notei que alguns amigos feirantes utilizam um tom mais formal ao falar com clientes desconhecidos, enquanto outros apostam em uma comunicação mais descontraída para criar um clima de proximidade. Essa adaptação constante da linguagem é um reflexo do que Bagno (2007) defende ao afirmar que a língua não é estática, mas sim um fenômeno social vivo, que se transforma conforme o contexto e a necessidade dos falantes.

Além disso, é perceptível que a linguagem da feira não se limita às palavras, assim participam da comunicação também o tom de voz, os gestos e até mesmo o jeito de chamar o cliente faz parte desse processo de comunicação. Muitas vezes, um simples aceno ou um sorriso já é suficiente para atrair alguém para a barraca. Essa observação reforça as ideias de Bortoni-Ricardo (2004) sobre a alternância de código e a flexibilidade da linguagem em diferentes interações sociais. O que falamos e como falamos muda de acordo com quem está ouvindo, e essa adaptação é essencial para o sucesso na feira.

Outro ponto que chama a atenção é a diferença na forma de falar dependendo do tamanho da cidade, pois em feiras menores, a comunicação tende a ser mais informal e familiar, isso porque as pessoas já se conhecem. Já em feiras de cidades maiores, onde há mais diversidade de clientes, os feirantes costumam usar uma linguagem um pouco mais neutra para atender melhor a diferentes públicos. Isso confirma as observações de Labov (2008), que aponta que a variação linguística está diretamente ligada ao contexto e às relações sociais estabelecidas entre os falantes.

A pesquisa não se baseia, portanto em uma observação atenta das interações linguísticas que ocorrem nesses espaços. Observação que já acontece há anos acompanhando como os feirantes e consumidores constroem diálogos e como os elementos linguísticos são utilizados estrategicamente para persuadir, negociar e manter uma relação de proximidade com o público. Ao longo desse processo, foi possível perceber que a linguagem da feira não segue um padrão fixo, mas se adapta conforme o contexto, demonstrando a dinamicidade da língua em uso.

Para compreender melhor essas variações, propomos uma análise da forma como os feirantes abordam os clientes e da que maneira modulam sua linguagem para garantir uma comunicação eficiente. Em cidades menores, o uso de expressões populares, trocadilhos e um tom mais informal é predominante, o que reforça o sentimento de pertencimento e familiaridade. Já em cidades maiores como Jaicós, onde há um fluxo maior de clientes desconhecidos, os feirantes tendem a utilizar uma abordagem um pouco mais impessoal,

priorizando expressões que facilitem a negociação sem, no entanto, perder a essência da comunicação direta e cativante.

Essa adaptação linguística é essencial para o êxito nas vendas e para a manutenção do vínculo entre feirantes e fregueses. Conforme destaca Gumperz (1982), a contextualização da fala é um aspecto crucial para a construção do significado nas interações diárias. O uso de determinadas palavras, o tom empregado e até a escolha de expressões regionais são estratégias utilizadas intuitivamente pelos feirantes para garantir que a comunicação ocorra de maneira eficaz.

A observação direta das interações e o registro de algumas expressões foi a principal ferramenta utilizada para a construção desta análise. As variações linguísticas se manifestam na feira de diversas formas, desde a pronúncia até a escolha do vocabulário, em algumas regiões, palavras como “mangar” (brincar) e “bulir” (mexer) são amplamente usadas no discurso cotidiano, enquanto em outras, termos diferentes são empregados para expressar as mesmas ideias. Esse fenômeno demonstra a riqueza da variação linguística dentro do próprio estado e reforça a importância da oralidade como elemento cultural e identitário.

Outro aspecto relevante observado foi a construção de discursos persuasivos na comunicação. Muitas vezes, frases como “leve dois quilos que sai mais barato” ou “esse produto chegou hoje, fresquinho!” são empregadas como estratégia para incentivar a compra. Essa forma de discurso comprova o que Bortoni-Ricardo (2004) destaca sobre a função interativa da linguagem, que vai além da simples transmissão de informações e se estabelece como uma ferramenta social para persuadir e influenciar comportamentos.

Dessa forma, o percurso metodológico desta pesquisa fundamenta-se nas observações a partir da vivência *in loco* da pesquisadora no ambiente das feiras livres e na análise de algumas expressões e palavras recorrentemente utilizadas nas interações linguísticas nesse espaço. O estudo se baseia não apenas na escuta atenta das trocas comunicativas entre feirantes e fregueses, mas também na leitura dos referenciais teóricos que fundamentam os estudos da sociolinguística no Brasil, para a compreensão da variação linguística como um fenômeno dinâmico e adaptável. Assim, esta pesquisa busca contribuir para o entendimento da oralidade em contextos informais das feiras livres de algumas cidades do interior do Piauí, com o objetivo de estudar para valorizar a riqueza da linguagem popular e evidenciando sua importância no cenário sociolinguístico brasileiro.

### **3. ANÁLISES E RESULTADOS**

### **3.1 Variantes linguísticas utilizadas pelos feirantes para se adaptar ao contexto de cada cidade**

A complexidade das práticas linguísticas dos feirantes se manifesta na forma como eles manejam diferentes variantes da língua portuguesa conforme o contexto sociocultural em que estão inseridos. Essa habilidade, adquirida pela experiência e pela convivência direta com públicos diversos, revela um saber linguístico que ultrapassa a formalidade da norma culta, operando como ferramenta adaptativa e estratégica nas interações diárias. O feirante, ao interagir com consumidores de diferentes localidades, é capaz de ajustar seu repertório comunicativo com precisão, construindo sentidos, laços e identificações.

Esse ajuste se dá em múltiplos níveis da linguagem: fonológico, morfossintático, lexical e pragmático. Em cidades menores, onde predominam relações mais próximas e vínculos comunitários fortes, observa-se uma maior frequência de expressões afetivas, apelidos carinhosos e formas populares. Já em feiras maiores, com presença de visitantes e turistas, a fala tende a assumir traços mais neutros, como estratégia de inclusão e entendimento. Essa capacidade de transitar entre registros e modos de falar revela um conhecimento empírico das regras sociais que regem a comunicação — um saber que se forma no cotidiano e se renova a cada nova interação.

De acordo com Basil Bernstein (1971), o uso dos chamados códigos linguísticos — restrito e elaborado — varia conforme o grupo social e suas condições de produção discursiva. Os feirantes dominam com naturalidade esse processo: adaptam-se com agilidade a diferentes interlocutores, ora recorrendo ao vocabulário regional, ora empregando termos mais universais, conforme as demandas comunicativas e os vínculos estabelecidos. Isso reforça a ideia de que não há um único modo “certo” de falar, mas formas plurais de expressão, cada uma com sua legitimidade dentro do contexto em que ocorre.

Além das escolhas lexicais e fonológicas, a forma de tratar o cliente também varia. Em alguns municípios, é comum o uso de fórmulas religiosas como “vá com Deus” ou “Deus abençoe”, o que reflete o papel da fé na cultura local. Em outros, prevalece um tratamento mais informal e descontraído, com expressões como “meu patrão”, “chegue mais” ou “é pra levar ou pra namorar?”. Essas diferenças de abordagem linguística apontam para uma relação estreita entre linguagem e território, entre fala e identidade.

Para Bagno (2007), as variações linguísticas devem ser entendidas como manifestações legítimas da diversidade sociocultural brasileira. O autor critica o preconceito linguístico que desvaloriza os modos populares de falar, lembrando que “não existe língua sem variação e, portanto, a norma culta não pode ser considerada superior às demais formas de expressão

linguística” (Bagno, 2007, p. 56). No caso dos feirantes, o uso estratégico das variantes é também uma forma de resistência simbólica, de afirmação cultural e de construção de pertencimento.

Outro aspecto importante está relacionado à entonação e ao ritmo da fala. Os feirantes são sensíveis ao tempo da escuta: sabem quando devem acelerar o discurso para atender rapidamente um cliente apressado, ou quando devem alongar a conversa para criar laços mais duradouros. Essa competência pragmática é raramente valorizada nas instituições formais de ensino, mas se mostra essencial no funcionamento real da comunicação.

Portanto, as variantes linguísticas utilizadas pelos feirantes em diferentes cidades do Piauí não representam apenas uma adequação ocasional, mas constituem um sistema de escolhas linguísticas carregado de sentido social e cultural. A linguagem, nesse contexto, não é estática nem uniforme – é um organismo vivo, que se transforma conforme os cenários e os sujeitos que dela fazem uso. Valorizar essa realidade linguística é reconhecer a riqueza dos modos populares de expressão e defender uma educação linguística que respeite a pluralidade de vozes que compõem o Brasil.

Além disso, o domínio da linguagem corporal associada à oralidade revela uma camada adicional de adaptação comunicativa. Gestos amplos, sorrisos largos, posturas acolhedoras e olhares atentos fazem parte do repertório expressivo dos feirantes, contribuindo para complementar e intensificar o conteúdo verbal. Essa performance comunicativa, muitas vezes espontânea, é também produto da experiência acumulada em lidar com diferentes públicos e contextos, sendo parte integrante da estratégia de construção de confiança com os clientes.

Outro traço relevante da variação linguística refere-se à inserção de gírias locais e expressões regionais específicas de determinadas cidades. Esses elementos são frequentemente empregados como marcadores identitários e como formas de capturar a atenção e o afeto do interlocutor. Em Jaicós, por exemplo, é comum o uso de expressões como “chega pra cá, vizinha”, enquanto em Monsenhor Hipólito, a expressão “leva agora que é só hoje” costuma ser repetida como uma forma de enfatizar urgência e exclusividade. Esses pequenos detalhes do uso linguístico revelam vínculos profundos com a cultura local e com as formas de convivência da comunidade.

Ademais, é importante observar que a variação linguística não é percebida pelos feirantes como algo negativo ou inadequado, mas como uma maneira natural de falar conforme a situação. Essa consciência, ainda que intuitiva, desmonta a ideia de que só é competente linguisticamente quem segue a norma culta. Ao contrário, os feirantes demonstram grande

habilidade em ajustar sua linguagem de maneira eficaz, mostrando que a variação linguística é, na prática, um recurso comunicativo e social extremamente valioso.

### **3.2 Análise do repertório linguístico dinâmico e adaptativo dos feirantes e população de uma região do Piauí**

O repertório linguístico dos feirantes do interior do Piauí revela uma impressionante capacidade de adaptação discursiva, marcada por práticas comunicativas que variam conforme o tempo, o espaço e o perfil dos interlocutores. Longe de se restringirem a um modo fixo ou limitado de falar, os feirantes demonstram um domínio dinâmico da linguagem, ajustando seus enunciados às exigências do momento e às expectativas sociais dos clientes. Esse repertório é construído ao longo de anos de vivência, escuta ativa e observação do comportamento humano, evidenciando uma forma legítima de saber linguístico popular.

As estratégias comunicativas observadas vão desde o uso de expressões humorísticas e apelativas até a construção de pequenos discursos narrativos, que servem para contextualizar o produto, exaltar sua qualidade ou compartilhar experiências pessoais. O feirante cria, dessa forma, um ambiente discursivo que favorece a empatia e fortalece os laços comunitários. Segundo Gumperz (1982), essa contextualização do discurso é essencial para que os sentidos sejam compartilhados e para que os interlocutores estabeleçam conexões significativas. A fala do feirante, portanto, opera dentro de um repertório fluido, onde a improvisação é guiada por intuições culturais e sociais.

Esse dinamismo é ainda mais evidente quando observamos a forma como os feirantes lidam com públicos de origens distintas. Em feiras que recebem visitantes de cidades vizinhas, por exemplo, é comum que o feirante ajuste sua fala, eliminando expressões muito localizadas ou explicando termos que possam gerar confusão. Trata-se de uma adaptação consciente, realizada com o objetivo de tornar a interação mais clara, simpática e produtiva. Ao fazer isso, o feirante transita entre diferentes variedades linguísticas, reforçando a noção de que a língua é um fenômeno relacional, cuja forma depende da negociação constante entre os falantes.

Ao mesmo tempo, o repertório linguístico não pertence apenas ao feirante: ele é também compartilhado, expandido e validado pelo público consumidor. Muitas expressões se tornam recorrentes justamente porque são reproduzidas pelos clientes, em uma relação de reciprocidade discursiva. Essa circulação de fórmulas linguísticas e vocábulos regionais reforça o caráter coletivo da oralidade nas feiras. Segundo Bakhtin (1997, p. 113), todo enunciado é sempre uma resposta a outros enunciados e se forma no entrelaçamento das vozes sociais. Nesse sentido, o repertório da feira é construído a muitas vozes e alimentado por múltiplas experiências.



Além disso, o caráter adaptativo da fala dos feirantes indica que o domínio da linguagem é, também, uma estratégia de resistência. Ao manterem viva uma linguagem que dialoga com a tradição, mas que se reinventa constantemente, esses sujeitos reafirmam sua identidade cultural e seu lugar social. Trata-se de um discurso que, embora informal, é permeado por sabedoria, intenção e adequação qualidades que desafiam a concepção tradicional de competência linguística pautada exclusivamente pela norma culta.

Portanto, o repertório linguístico observado nas feiras livres do Piauí representa não apenas um conjunto de expressões regionais, mas um sistema discursivo adaptativo, eficiente e significativo. Ele se constitui como ferramenta de mediação social e de preservação cultural, reafirmando a capacidade dos falantes de usarem a língua com sensibilidade, inteligência e criatividade em contextos reais de interação. Reconhecer esse repertório é valorizar a pluralidade linguística brasileira e ampliar os horizontes da análise sociolinguística para além dos limites formais da escola e da gramática normativa.

Outro aspecto relevante do repertório linguístico dos feirantes está na sua sensibilidade para incorporar elementos do cotidiano à sua fala, adaptando-se às transformações sociais e ambientais. Em períodos de seca, festividades ou mudanças na dinâmica agrícola, o discurso se remodela para refletir essas circunstâncias. O feirante utiliza metáforas associadas ao clima, à terra e à colheita, não apenas como recurso de convencimento, mas como modo de manter viva a memória da vida rural e das experiências comuns. Assim, a oralidade se revela permeada por significados que transcendem a função comercial, funcionando como espaço de evocação coletiva de experiências culturais e ambientais.

A inventividade discursiva também é marcante na maneira como os feirantes articulam elementos da cultura popular em suas falas. É frequente o uso de frases feitas, ditados reconfigurados, bordões locais e alusões a personagens midiáticos — tudo adaptado ao contexto da interação. Essas inserções cumprem um papel duplo: entretêm o interlocutor e reforçam o vínculo cultural entre as partes. A habilidade de manipular esse tipo de repertório demonstra não apenas criatividade linguística, mas um domínio contextual que transforma cada fala em um ato performático, carregado de intencionalidade e efeito social.

Além disso, os feirantes frequentemente comentam assuntos da vida local, trazendo para a oralidade cotidiana temas como política, segurança, economia e questões da comunidade. A feira, nesse sentido, torna-se um microespaço público onde circulam discursos que mesclam o trivial com o reflexivo. Essa presença de conteúdo opinativo nos diálogos revela que os feirantes não apenas comunicam produtos, mas também participam ativamente da construção

discursiva da realidade local. Como sujeitos sociais engajados, eles utilizam a linguagem para se posicionar, para narrar o presente e para expressar formas de resistência cotidiana.

A diversidade e a complexidade desses usos linguísticos mostram que a fala dos feirantes não pode ser entendida como informal ou improvisada no sentido pejorativo, mas sim como expressão legítima de saber e competência comunicativa dotada de intencionalidade e de estratégias. A natureza efêmera da oralidade não diminui sua potência; ao contrário, sua força está justamente na capacidade de agir no instante, de responder ao outro com agilidade e de criar significados no calor da interação. O repertório dos feirantes, portanto, é testemunho de uma prática discursiva sustentada por conhecimento empírico, sensibilidade cultural e profunda consciência da linguagem como instrumento de relação social.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A análise da oralidade nas feiras livres do interior do Piauí permitiu compreender que a linguagem, longe de ser um instrumento neutro e homogêneo, é uma prática social viva, dinâmica e adaptativa. Os feirantes não apenas vendem produtos, mas mobilizam um repertório discursivo estratégico, rico em variantes linguísticas e construído a partir de sua experiência cotidiana. Essa linguagem é marcada pela improvisação estratégica, pela escuta sensível, pelo uso de expressões regionais e pela presença de elementos culturais que conferem identidade às interações.

Ao longo deste trabalho, foi possível observar que as práticas de fala dos feirantes são orientadas por objetivos específicos: persuadir, acolher, fidelizar, negociar. Tais práticas revelam uma competência linguística complexa, que opera nos níveis lexical, fonológico, morfossintático e pragmático. Em um país historicamente marcado por desigualdades linguísticas e pelo preconceito contra as formas populares de fala, reconhecer o valor dessas estratégias é um passo essencial para a construção de uma abordagem sociolinguística mais inclusiva e representativa da realidade brasileira.

O uso da oralidade nos espaços de feira ultrapassa a função informativa. A fala torna-se elemento de performance, de construção simbólica, de manutenção das tradições e de criação de vínculos sociais. O feirante, ao adaptar seu discurso ao freguês, demonstra domínio de múltiplos registros, consciência situacional e profunda capacidade de negociação simbólica. Essa habilidade, muitas vezes invisibilizada pelas abordagens normativas do ensino de língua portuguesa, evidencia a necessidade de considerar os saberes populares como legítimos e dignos de estudo e valorização acadêmica.

Além disso, o discurso na feira se configura como espaço de resistência cultural e de preservação da identidade. Os provérbios, as expressões afetivas, os ditados e os gestos que compõem a comunicação no interior do Piauí são expressões de um saber comunitário acumulado e transmitido oralmente. Estudá-los é também reconhecer a pluralidade do português falado no Brasil, desmistificando a ideia de uma única forma correta de se expressar e valorizando as múltiplas vozes que compõem nosso território linguístico.

Portanto, este trabalho não pretendeu apenas descrever as estratégias linguísticas observadas, mas também contribuir para uma mudança de olhar sobre a linguagem falada nos espaços populares. Defende-se aqui uma linguística que escute, que reconheça e que valorize. Afinal, como afirmam Marcuschi (2001), Bagno (2007) e Bortoni-Ricardo (2004), a linguagem é um fenômeno social por excelência, e seu estudo só é pleno quando considera os sujeitos reais, em seus contextos, com suas histórias, suas vozes e suas lutas. Que a feira, lugar de encontro, de trabalho e de fala, seja também reconhecida como lugar de conhecimento e de cultura.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAGNO, Marcos. *Preconceito linguístico: o que é, como se faz*. 58. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2007.

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. 4. ed. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BERNSTEIN, Basil. *Class, codes and control: theoretical studies towards a sociology of language*. London: Routledge & Kegan Paul, 1971.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *O professor de língua materna: entre a gramática e a prática*. 3. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

CAMACHO, Roberto Gomes. *Variação linguística e ensino de português*. In: FARACO, Carlos Alberto (org.). *Linguística aplicada ao português: estudos e propostas*. São Paulo: Cortez, 2001. p. 35–57.

FARACO, Carlos Alberto. *Norma culta brasileira: desatando alguns nós*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*. 4. ed. Curitiba: Positivo, 2001.

GUMPERZ, John J. *Discourse strategies*. Cambridge: Cambridge University Press, 1982. (Studies in Interactional Sociolinguistics).

LABOV, William. *Sociolinguistic patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

LUCCHESI, Dante. *A variação linguística no português do Brasil*. São Paulo: Contexto, 2009.

LUQUETTI, Eliane. *Fala, feirante!: a oralidade nas feiras livres*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2012.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. *Introdução à linguística histórica*. São Paulo: Contexto, 2004.

LEITE, Yonne. *Fonologia do português: uma introdução*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2004.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ  
CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS  
COORDENAÇÃO DO CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS  
Rua Cícero Duarte Nº 905. Bairro Junco CEP 64600-000 - Picos- Piauí  
Fone: (89) 3422 2032

### **ATA DE DEFESA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**

Aos **quatro** dias do mês de **julho** do ano de **dois mil e vinte e cinco**, a partir das **dezoito** horas, via *Google Meet*, realizou-se a sessão pública de defesa do Trabalho de Conclusão de Curso da estudante **Jandely Auane de Moura Almondes** com artigo intitulado: **“Práticas linguísticas em feiras populares em três cidades piauienses”**. Os trabalhos foram instalados pela orientadora, **Profa. Dra. Ludmila Santos Andrade** (Presidente da banca/UFPI), com a participação dos demais membros da banca examinadora: **Profa. Dra. Analice Sousa Gomes** (Primeira avaliadora/SEDUC-GO), **Prof. Dr. Luiz Egito de Souza Barros** (Segundo avaliador/UFPI). Durante a arguição foram registradas as seguintes ocorrências: a presidente da banca apresentou os avaliadores e a estudante que procedeu a apresentação do artigo, a seguir a banca avaliadora realizou questionamentos e sugestões para revisão e alteração do título. A banca examinadora reuniu-se em sessão secreta a fim de concluir o julgamento do artigo tendo sido a candidata **Aprovada** pelos seus membros. As seguintes notas foram atribuídas: **9,8 (noventa e oito)**; **9,8 (noventa e oito)** e **9,8 (noventa e oito)**. Apuradas as notas verificou-se que a aluna foi aprovada com média geral **9,8 (noventa e oito)**. Proclamados os resultados pela presidente da banca examinadora **Profa. Dra. Ludmila Santos Andrade**, foram encerrados os trabalhos e, para constar, lavrou-se a presente ata que é assinada pelos membros da banca, aos **quatro** dias do mês de **julho** do ano de **dois mil e vinte e cinco**.

Picos, 04 de julho de 2025.

Assinaturas dos membros da Banca Examinadora:

**Presidente da banca Profa. Dra. Ludmila Santos Andrade**

**1ª Examinador Profa. Dra. Analice Sousa Gomes**

**2ª Examinador Prof. Dr. Luiz Egito de Souza Barros**



**TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAÇÃO ELETRÔNICA  
DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO NA BASE DE DADOS DA  
BIBLIOTECA**

**1. Identificação do material bibliográfico:**

[ ] Monografia [x] TCC Artigo

Outro: \_\_\_\_\_

**2. Identificação do Trabalho Científico:**

Curso de Graduação: Letras - Língua Portuguesa e Literatura de Língua Portuguesa

Centro: Universidade Federal do Piauí (UFPI)

Autor(a): Fandely Azeite de Moura Almoude

E-mail (opcional): azeitefandely@gmail.com

Orientador (a): Ludmilo Santos Andrade

Instituição: Universidade Federal do Piauí (UFPI)

Membro da banca: Audácia Sousa Gomes

Instituição: Secuc - GO

Membro da banca: Luiz Egito de Sousa Barros

Instituição: Universidade Federal do Piauí (UFPI)

Membro da banca: \_\_\_\_\_

Instituição: \_\_\_\_\_

Titulação obtida: Licenciatura em Letras - Língua Portuguesa

Data da defesa: 04 / 07 / 2025

Título do trabalho: "Práticas linguísticas em xinas  
populares em três cidades piauienses"



### 3. Informações de acesso ao documento no formato eletrônico:

Liberação para publicação:

Total: ☒

Parcial: ☐. Em caso de publicação parcial especifique a(s) parte(s) ou o(s) capítulos(s) a serem publicados: \_\_\_\_\_

### TERMO DE AUTORIZAÇÃO

Considerando a portaria nº 360, de 18 de maio de 2022 que dispõe em seu Art. 1º sobre a conversão do acervo acadêmico das instituições de educação superior - IES, pertencentes ao sistema federal de ensino, para o meio digital, autorizo a Universidade Federal do Piauí - UFPI, a disponibilizar gratuitamente sem ressarcimento dos direitos autorais, o texto integral ou parcial da publicação supracitada, de minha autoria, em meio eletrônico, na base dados da biblioteca, no formato especificado\* para fins de leitura, impressão e/ou *download* pela *internet*, a título de divulgação da produção científica gerada pela UFPI a partir desta data.

Local: Picos - PI Data: 17 / 07 / 2025

Assinatura do(a) autor(a): Jaquely Anne de Moura Almeida

\* **Texto** (PDF); **imagem** (JPG ou GIF); **som** (WAV, MPEG, MP3); **Vídeo** (AVI, QT).